

# PLACAR

**POSTERS**  
FLAMENGO • CORINTHIANS  
SÃO PAULO • VASCO • BAHIA  
FLUMINENSE • PALMEIRAS • CRUZEIRO  
BOTAFOGO • GRÊMIO • SANTOS  
INTERNACIONAL • ATLETICO



Nº 1098 NOVEMBRO DE 1994

RS 3,00



# Os Esquadrões dos Sonhos

**TORCEDORES, JORNALISTAS E DIRIGENTES  
ELEGEM OS 11 MAIORES CRAQUES QUE JÁ  
VESTIRAM A CAMISA DO SEU TIME**

ISSN 0104-1762

01098

9 770104 176000





Em pé: Cafu, Poy, Mauro, Roberto Dias, Noronha e Bauer; agachados: Müller, Pedro Rocha, Leônidas, Gérson e Canhoteiro

# Bem amados tricolor

*Uma relação fraterna, quase paternal, liga o São Paulo a seus ídolos, mostrando a paixão recíproca que faz de cada eleito um craque eterno*



O atacante **Müller** acabava de embolsar 1,7 milhão de dólares, relativos aos 30% de sua venda para o Everton da Inglaterra, em setembro de 1994, e já fazia planos para o futuro. “Na volta da Europa, retornarei ao São Paulo”, prometia sem esconder a empolgação. A negociação acabou não vingando por desentendimentos entre o jogador e o clube inglês. Apesar dos transtornos causados pelo episódio, Müller foi recebido de volta de braços abertos pelo tricolor. Mantinha-se assim uma tradição de parceria fraterna, quase paternal, que sempre caracterizou a relação do clube com seus atletas e que pode ser comprovada nos depoimentos de Poy, Cafu, Mauro, Roberto Dias e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Gérson; Müller; Leônidas e Canhoteiro, os craques eleitos para integrar o time dos sonhos são-paulinos.

O São Paulo é assim: pai pronto a acolher o filho pródigo. É verdade que Müller mantém uma relação mais vibrante do que os demais. Verdadeiro pé-de-coelho, em nove anos, ajudou a trazer treze troféus para o Morumbi e virou o recordista de títulos do clube. ▶



## Cafu

O paulistano Marcos Evangelista de Moraes, 24 anos (19/6/1970), poderia ter se tornado uma estrela do atletismo.

Afinal, seus arranques lembram os de um velocista e sua resistência é digna de um maratonista. Mas para alegria dos tricolores, preferiu o futebol. Revelou-se em 1989 e atuou em várias posições da defesa, meio-campo e ataque. "É um jogador preparado para jogar noventa minutos e uma prorrogação", ressaltava o treinador Telê Santana.

Cafu ganhou os títulos brasileiro (1991), paulista (1991/92), da Taça Libertadores (1992/93), Mundial (1992/93), Recopa sul-americana (1993/94) e Supercopa (1993). Jogou 235 partidas pelo São Paulo e marcou 35 gols. Eleito com dezenove votos.

Cafu: arranques de velocista e muita resistência a serviço do São Paulo

RICARDO CORREA



## Poy

A impressionante regularidade sempre marcou a carreira do goleiro argentino José Poy (16/4/1926). Impressionou gerações de torcedores tricolores por sua colocação precisa e suas espetaculares saídas de gol. "Minha grande virtude como goleiro era saber que possuía defeitos e deveria treinar muito para me aperfeiçoar", afirma, com modéstia. Como jogador do São Paulo ganhou três títulos (1949/53/57) e como técnico sagrou-se campeão paulista em 1975. Nos quinze anos (1948 a 1963) que defendeu o clube, jogou 565 vezes, sofrendo 723 gols. Foi eleito o melhor goleiro com dezoito votos.

**ONDE ANDA** — Embora sua vontade fosse a de treinar divisões de base de um clube grande, Poy está longe dos gramados. Hoje, ele administra sua loja de roupas num Shopping de São Paulo.



NELSON COELHO

Nos tempos em que Poy fechava o gol tricolor (à dir.) e em sua loja de roupas (à esq.): virtudes argentinas



ABRIL

# ores

## Leônidas

Um "bonde de 200 contos". Assim, os adversários ironizavam a maior contratação tricolor de 1942: Leônidas da Silva (6/9/1913). Comprado ao Flamengo por 200 contos de réis, recorde na época, o Diamante Negro estava gordo (daí o bonde). Apesar disso, 10 mil pessoas foram à Estação da Luz aclamar sua chegada. Para recuperar a forma do craque, o São Paulo contratou médicos e nutricionistas. Deu certo. No terceiro jogo, ele já deixou sua marca registrada (a bicicleta). O São Paulo perdeu para o Palmeiras por 2 x 1, mas o craque saiu aclamado. Com a camisa tricolor, Leônidas conquistou cinco títulos paulistas (1943/45/46/48/49), fez 218 jogos e marcou 143 gols. Eleito com dezoito votos.

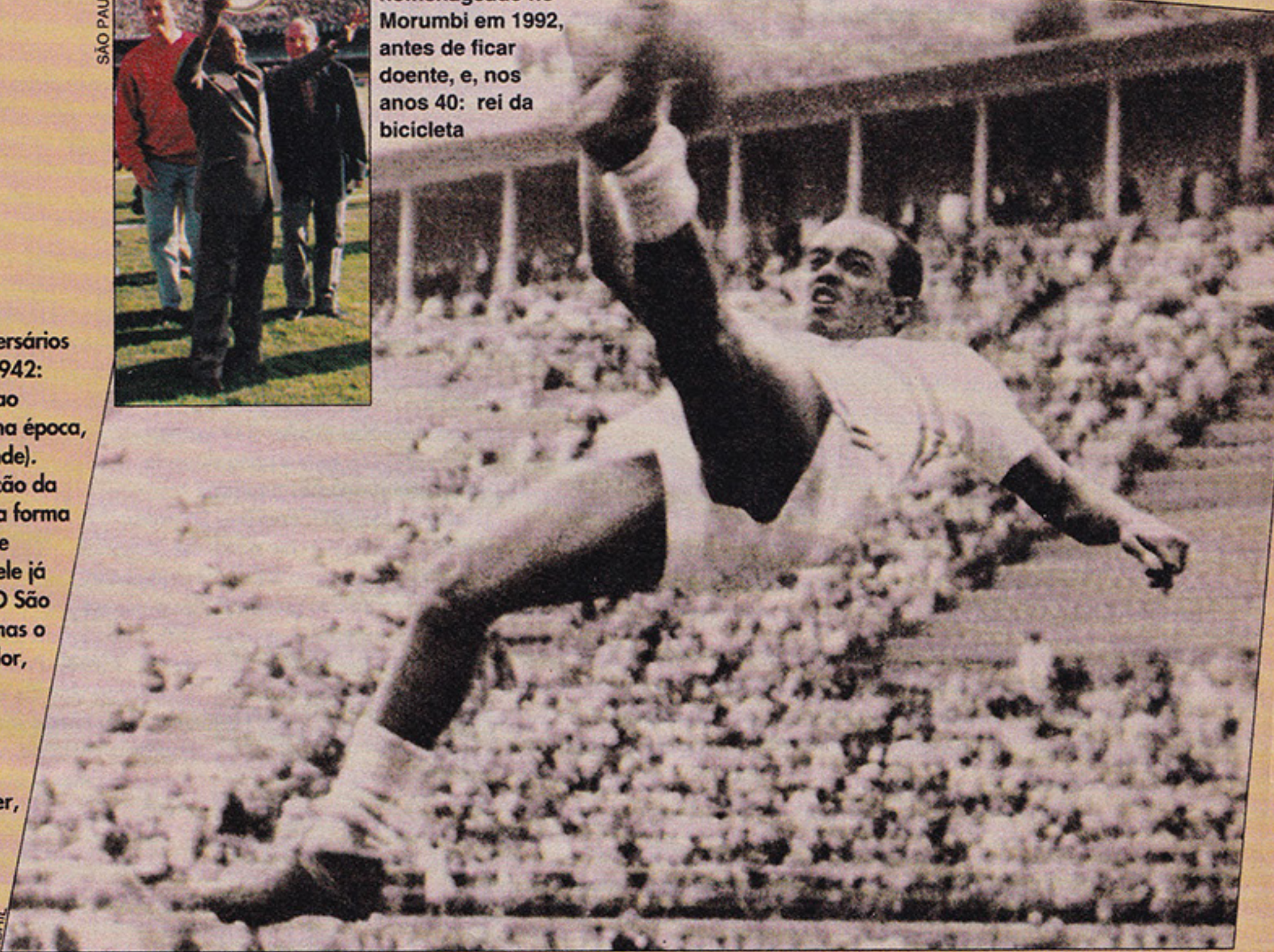
**ONDE ANDA** — A saúde do antigo craque está minada pelo Mal de Alzheimer, distúrbio que tira a lucidez e mistura as lembranças. Leônidas está internado em São Paulo. Ao seu lado, a mulher Albertina e o São Paulo Futebol Clube, que paga parte do tratamento.

SÃO PAULO F.C.



Leônidas (à esq.) homenageado no Morumbi em 1992, antes de ficar doente, e, nos anos 40: rei da bicicleta

ABRIL





Não foi o único, porém, a oferecer devoção. “Eu assinava contratos em branco”, conta o quarto-zagueiro **Roberto Dias**. “Uma medalha para mim valia mais do que um milhão de dólares.” Originalmente volante, Dias passou a jogar na quarta-zaga numa partida contra o Santos, em 1963, com a missão de anular Pelé. Dias demoliu as ações do Rei e ainda anotou os dois gols do empate em 2 x 2. “Depois, recebi várias propostas, mas sempre preferi ficar no São Paulo”.

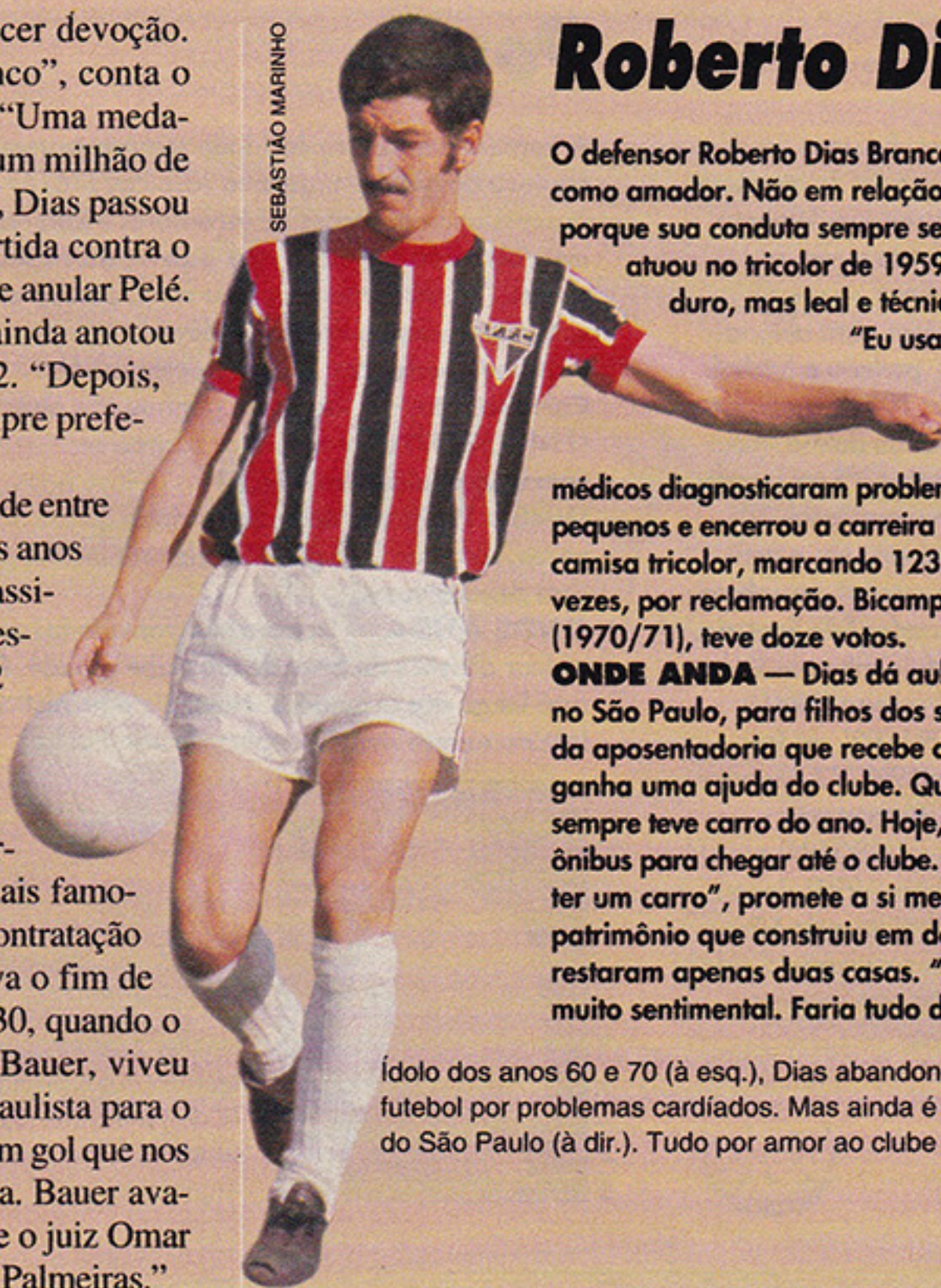
O nascimento dessa cumplicidade entre o São Paulo e seus atletas data dos anos 40. Na época, era **Bauer** quem assinava contratos em branco. “Só descobri o que eram luvas em 1952 através de colegas do Palmeiras e do Corinthians”, conta. Ao subir para o time principal, Bauer encontrou-se com **Noronha**, formando uma das linhas médias mais famosas — Rui completava o trio. A contratação de Noronha em 1942 representava o fim de um namoro que vinha dos anos 30, quando o lateral jogava no Grêmio. Com Bauer, viveu decepções, como a perda do tri paulista para o Palmeiras, em 1950. “Anularam um gol que nos daria o título”, queixa-se Noronha. Bauer avalia: “Fomos roubados. Tanto que o juiz Omar Bradley até foi pular carnaval no Palmeiras.”

**Piada na estréia** — O centroavante **Leônidas da Silva** sofreu com essa derrota das tribunas. Ele já havia encerrado a carreira, depois de oito anos de glória no clube. Em sua estréia — 3 x 3 contra o Corinthians em 1942 — o Pacaembu recebeu 71281 torcedores. Apesar da festa, o Diamante Negro não deixou sua marca e no dia seguinte ouviu a piada: “O volante Brandão (seu marcador na partida) foi preso por estar com o diamante no bolso”. A brincadeira lhe mexeu com os brios. “Fiquei possesso. Nunca mais joguei mal contra o Corinthians”, contou Leônidas anos depois.

Quando o craque pendurou as chuteiras, o tricolor trocou o ataque pela defesa. A receita só funcionou graças à ascensão do goleiro argentino **Poy**, contratado em 1948 e titular a partir de 1950. Sua descoberta se deu em um amistoso contra o Rosario Central, da Argentina, três anos antes. As defesas de Poy impressionaram tanto que os dirigentes são-paulinos só sossegaram quando o contrataram. Jovem e longe de casa, Poy recebeu a primeira prova de que o São Paulo era um clube diferente na assinatura do contrato: o contra-cheque assinalava um valor 50% maior do que o combinado. A retribuição foi dada com treze anos de pura raça.

Em meados da década de 50, porém, o tricolor voltou a possuir um ídolo no ataque, um pon-

SEBASTIÃO MARINHO



## Roberto Dias

O defensor Roberto Dias Branco (7/1/1943) jamais deixou de agir como amador. Não em relação aos seus deveres como atleta, mas porque sua conduta sempre se pautou no amor ao São Paulo. Dias atuou no tricolor de 1959 a 1973 e nunca conheceu a reserva. Era duro, mas leal e técnico, sempre se antecipando aos atacantes.

“Eu usava muito a improvisação. Para mim não existia bola perdida”, conta. No auge da carreira, em 1971, quando se preparava para “ganhar dinheiro”, os

médicos diagnosticaram problemas cardíacos. Voltou a jogar em clubes pequenos e encerrou a carreira aos 29 anos. Vestiu 592 partidas a camisa tricolor, marcando 123 gols. Foi expulso apenas duas vezes, por reclamação. Bicampeão paulista (1970/71), teve doze votos.

**ONDE ANDA** — Dias dá aula de futebol no São Paulo, para filhos dos sócios. Além da aposentadoria que recebe desde 1973, ganha uma ajuda do clube. Quando jogador, sempre teve carro do ano. Hoje, toma dois ônibus para chegar até o clube. “Ainda vou ter um carro”, promete a si mesmo. Do patrimônio que construiu em doze anos, restaram apenas duas casas. “Sempre fui muito sentimental. Faria tudo de novo”.

Ídolo dos anos 60 e 70 (à esq.), Dias abandonou o futebol por problemas cardíacos. Mas ainda é funcionário do São Paulo (à dir.). Tudo por amor ao clube



## Mauro

A classe do zagueiro **Mauro Ramos de Oliveira** (30/8/1930) sempre encantou a torcida. Os adversários também se curvavam a seu futebol por causa da lisura com que marcava e desarmava os atacantes. Mas quando preciso, Mauro sabia mudar o estilo. Entrava duro, sem, é claro, jogar sujo. Iniciou a carreira em 1948, em substituição ao defensor Armando Renganeschi, deixando o clube em 1960. Nesse período, vestiu a camisa tricolor 519 vezes, marcando dois gols e conquistando quatro campeonatos paulistas (1948/49/53/57). Recebeu 26 votos.

**ONDE ANDA** — Em nome da privacidade que não tinha como jogador, trocou o verde dos gramados pelo de sua

chácara, situada em Botelhos (MG). Prefere ficar longe dos fãs e da imprensa. “Estou fora do futebol”, repete. Muito bem de vida graças ao esporte, vive isolado. Contato, só com os amigos mais próximos a quem costuma dizer que Deus é sua melhor companhia.



NILTON SANTOS



Com a bola (acima), Mauro encantava pela técnica refinada. Longe dela, optou pela privacidade. Na foto ao lado, no carnaval do Rio em 1994, uma de suas raras aparições em público



## Gérson

O jejum de títulos já duvara mais de uma década quando o São Paulo contratou em 1969 o niteroiense Gérson de Oliveira Nunes (11/1/1941), o Canhotinha de Ouro. Já com 29 anos, muitos duvidaram que o craque pudesse ajudar o São Paulo. Foi chamado de velho, mas quando entrou em campo mostrou ser genial e genioso. Nas quatro-linhas, fez de tudo: correu como garoto, lançou com maestria e, quando preciso, soube se impor no grito. Tudo para que a torcida pudesse voltar a comemorar um título. "Fazia 13 anos que o São Paulo não ganhava. Mas ganhou", lembra sorrindo. Em 1971, sob a sua liderança, o tricolor conquistou o bicampeonato. "Cansei de fazer gols com os seus lançamentos", lembra o ponta-direita Terto. Apesar de ter jogado apenas de 1969 a 1971, Gérson inscreveu o seu nome na história do clube como um vitorioso, jogando 93 partidas e marcando 12 gols. Eleito o melhor camisa 10 com 13 votos.

**ONDE ANDA** — Atualmente, Gérson é comentarista de esportes da TV Bandeirantes. Também exerce o cargo de secretário de esportes da prefeitura de Maricá (RJ).



CHRISTINA BOCAIUVA

SEBASTIÃO MARINHO



Gérson: lançamentos geniais que levaram títulos ao Morumbi depois de treze anos de jejum. Tempos inesquecíveis que o mantêm nos estádios até hoje, como comentarista

## Bauer

Filho de pai suíço, branco, e mãe brasileira, negra, José Carlos Bauer (21/11/1925) foi um dos maiores ídolos do São Paulo. Começou no infantil e em 1942 conquistou o seu primeiro título como juvenil, invicto. Neste ano todos os seus colegas foram promovidos para o time de cima, menos ele. Dois anos depois, já no time principal, superou os ex-companheiros em fama e conquistas: duas vezes bicampeão paulista (1945/46 e 1948/49) formando a famosa linha com Rui e Noronha e campeão em 1953. Saiu do São Paulo em 1957, depois de 419 partidas e 16 gols. Obteve 22 votos.

**ONDE ANDA** — Bauer não ganhou o suficiente para deixar de trabalhar. Atualmente é professor da escolinha de futebol da prefeitura de Itapeverica da Serra (SP).

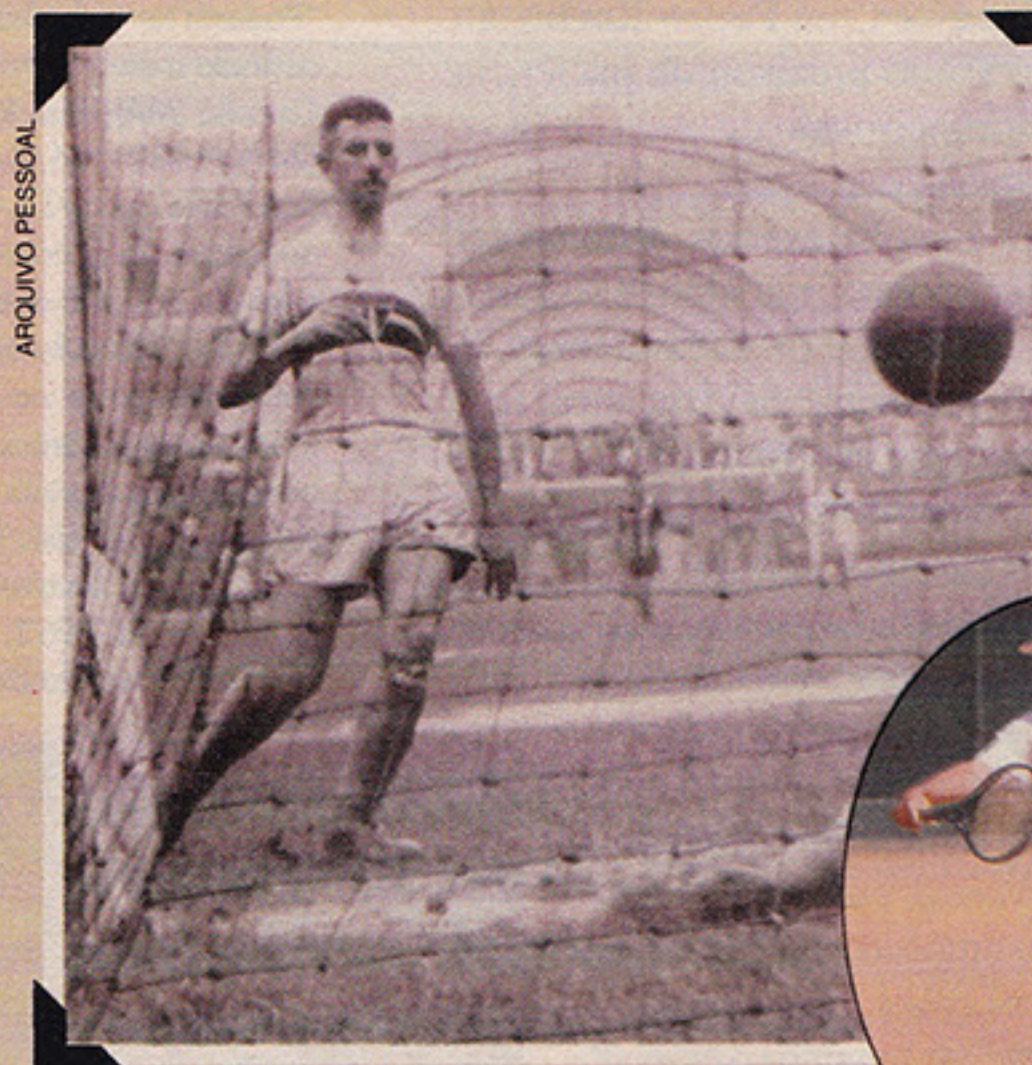
Bauer: aulas de bola nos anos 40 (abaixo) e em Itapeverica (à esq.)



NELSON COELHO



ABRIL



ARQUIVO PESSOAL

Da época de lateral-esquerdo (à esq.), Noronha só guardou os toques de primeira, agora, nas quadras de tênis (abaixo)



NELSON COELHO

## Noronha

Incapaz de driblar uma cadeira, Alfredo Eduardo Ribeiro Mena Barreto de Freitas Noronha transformou essa deficiência numa virtude. Acabou se especializando em passar de primeira. O gaúcho Noronha (25/9/1918) chegou ao São Paulo em 1942 com a fama de marcador duro, eficiente e leal. Marcou época na linha Rui, Bauer, Noronha. Não tem nenhuma medalha ou troféu dos cinco títulos paulistas conquistados (1943/45/46/48/49). Defendeu o tricolor até 1951. Fez 319 partidas e 14 gols. Teve dezessete votos.

**ONDE ANDA** — Bem de vida, Noronha vive para desfrutar seus momentos de lazer com a família. Há 26 anos é sócio do São Paulo, que frequenta pelo menos quatro vezes por semana. Mantém a forma física jogando tênis. Futebol, só assiste. Pela televisão.



ta-esquerda de dribles mágicos e gols espetaculares. “Canhoteiro era tão habilidoso que distribuía laranjas com os pés para os companheiros”, recorda o historiador Agnelo Di Lorenzo. Também divertia-se fazendo embaixadas com uma moeda até colocá-la no bolso. Por essas, recebeu elogios até do gênio Zizinho. “Canhoteiro fazia na esquerda tudo o que Garrincha fazia na direita e punha a bola onde queria. Era um mágico.”

Em 1970, Gérson voltou a fazer os são-paulinos assistirem a um jogador que punha a bola onde queria. “Aprendi a gostar do São Paulo, mas não entendo até hoje porque o Botafogo me negociou”, conta o meia. No ano seguinte, nem os dirigentes botafoguenses conseguiram compreender. No triangular decisivo do Brasileiro, Gérson realizou um jogo memorável e acabou como o melhor em campo na vitória de 4 a 1 sobre o Botafogo. “Gérson não gostava de perder nem em treino”, lembra o ex-ponta Terto.

**Paciência de Mãe** — Com Pedro Rocha, ao contrário, o São Paulo precisou de paciência de mãe. No seu primeiro ano de clube, o meia fez exhibições apenas razoáveis. “Mas o time confiou em mim e soube esperar. Provou ser especial”, elogia. Rocha virou ídolo e só ficou devendo a vitória na final da Libertadores de 1974 contra o Independiente, da Argentina. Isso porque jogou à base de quatro injeções. “Confesso que, depois da prorrogação, não tive energias para ir bater pênaltis”, conta.

A classe mostrada por Gérson e Rocha esteve presente também na defesa com o zagueiro Mauro Ramos. “Era o nosso anjo-da-guarda”, recorda Roberto Dias, que, aos 16 anos, chegou a disputar alguns amistosos com o então veterano Mauro, em 1960. Conhecido por seu jogo limpo, o zagueiro encantava até mesmo os rivais. “Ele era espetacular tecnicamente”, testemunha o ex-ponta corintiano Cláudio Cristhóvam Pinho.

E a tradição de dedicação entre clube e atleta continua viva graças a Cafu. Criado no Morumbi, o lateral aprendeu a respeitar o tricolor. “Fui reprovado no São Paulo várias vezes, mas não desisti”, conta. O sonho de jogar no clube do coração virou realidade e Cafu acabou titular do tricolor eterno. “Cafu é um fenômeno”, elogia o preparador físico Altair Ramos. Mas fenômenos são todos os craques dos sonhos tricolores. Jogadores que souberam honrar e amar o mais querido clube do Brasil.



Müller construiu sua carreira com vitórias e ganhou treze títulos: um recorde na história tricolor

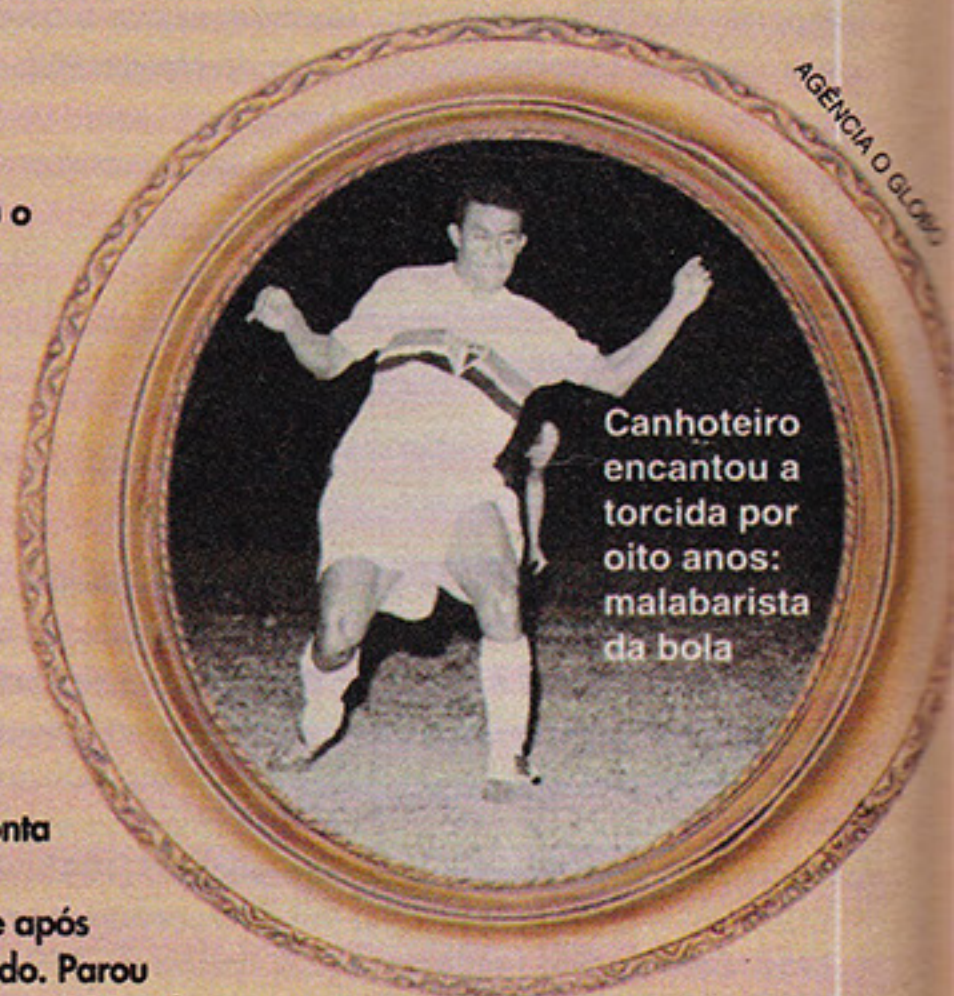
## Müller

A trajetória de Müller no São Paulo foi contruída com títulos. Muitos. Lançado por Cilinho, o garoto Luís Antônio Corrêa da Costa (31/1/1966) ficava nervoso com as vaias da torcida. Mais seguro, ao faturar o Paulistão de 1985, alcançou o primeiro dos treze títulos que o transformaram no recordista do clube. Ganhou ainda mais três paulistas (1987/91/92), dois brasileiros (1986/91), duas Libertadores (1992/93), duas Recopas Sul-americanas (1993/94), uma Supercopa (1993) e dois Mundiais Interclubes (1992/93). Para faturar tantos títulos, disputou 333 jogos, marcando 137 gols em dois períodos (1984 a 1988 e desde 1991).

Apesar da imagem irresponsável, é exemplo aos mais novos. “Considero Müller meu irmão”, conta o lateral-esquerdo André, 19 anos. Müller foi ainda artilheiro do Brasileiro de 1987 com dez gols. Teve quinze votos.

## Canhoteiro

Malabarista da bola, Canhoteiro descobriu o segredo de abrir espaços onde não havia nenhum e dominou a arte de desconcertar zagueiros com dribles desmoralizantes. “Poderia ter trabalhado em circo”, assinala o ex-goleiro Poy. Nascido em Coroa (MA), José Ribamar de Oliveira (24/9/1932 – 16/8/1974) estreou no São Paulo em 1955. Como um mágico, guardava na cartola uma série de dribles e foi um dos primeiros jogadores a ter um fã-clube. “Quando os defensores vinham em bando, só se via o movimento de suas mãos no alto. Parecia esconder a bola”, conta o historiador Agnelo Di Lorenzo. Não teve sucesso na Seleção. Tinha medo de avião e após cada viagem, levava um mês se recuperando. Parou no tricolor em 1963, depois de 415 partidas e 102 gols. Campeão paulista de 1957. Recebeu 24 votos.



Canhoteiro encantou a torcida por oito anos: malabarista da bola



## Pedro Rocha

Alto, magro, elegante. Reconhecido por Pelé como um dos cinco melhores do mundo, o uruguaio Pedro Virgílio Rocha Franchetti (3/12/1943) fascinou os são-paulinos de 1970, quando foi contratado ao Peñarol, até 1978.

“Dentro de campo, era o nosso segundo treinador”, recorda Murici, seu companheiro de time nos anos 70. “Ele era inteligente e sabia chutar a gol”, elogia Gérson, que também fez parte daquele time. Rocha ganhou o Campeonato Paulista em 1971 e 1975, além do Brasileiro de 1977. Fez 393 jogos e 109 gols pelo São Paulo. Recebeu 14 votos.

**ONDE ANDA** — Depois de encerrar a carreira de jogador, Rocha seguiu a de técnico. Treinou várias equipes do interior paulista. Atualmente é empresário na área de espetáculos na cidade de Ribeirão Preto (SP), tendo como forte a organização de bingos para os clubes do interior paulista.



Pedro Rocha em campo (à esq) e, hoje (acima): especialista em espetáculos



# Quem elegeu o melhor São Paulo

**AGNELO DI LORENZO**, 65 anos, historiador do clube: Poy, De Sordi, Mauro, Bauer e Rui; Noronha, Remo e Sastre; Luisinho, Leônidas e Teixeira.

**ALBERTO HELENA JÚNIOR**, 52 anos, jornalista: Poy, Cafu, Mauro, Darío Pereyra e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Raí; Müller, Leônidas e Canhoteiro.

**CARLOS MIGUEL AIDAR**, 47 anos, ex-presidente do clube: Poy, Cafu, Oscar, Darío Pereyra e Leonardo; Bauer, Gérson e Raí; Müller, Serginho e Canhoteiro.

**DALZEL FREIRA GASPAR**, 59 anos, ex-médico do clube: Poy, De Sordi, Mauro, Darío Pereyra e Noronha; Édson, Pedro Rocha e Gérson; Luisinho, Leônidas e Canhoteiro.

**ÉDER JOFRE**, 58 anos, ex-campeão mundial de boxe: Poy, Cafu, Mauro, Bauer e Noronha; Dino Sani, Pedro Rocha e Gérson; Maurinho, Serginho e Canhoteiro.

**ÉDSON FERRARINI**, 58 anos, deputado estadual: Zetti, Cafu, Mauro, Roberto Dias e Leonardo; Gérson, Pedro Rocha e Palhinha; Müller, Toninho Guerreiro e Zé Sérgio.

**ÉDSON LAPOLLA**, 45 anos, dirigente do clube: Poy, Forlan, Mauro, Roberto Dias e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Gérson; Müller, Serginho e Canhoteiro.

**FERNANDO CASAL DE REY**, 49 anos, presidente do clube: Zetti, Cafu, Mauro, Darío Pereyra e Leonardo; Dino Sani, Bauer, Pedro Rocha e Raí; Serginho e Canhoteiro.

**GINO ORLANDO**, 64 anos, ex-jogador e atual administrador do Morumbi: Poy, De Sordi, Mauro e Ronaldo; Dino Sani, Juninho e Leonardo; Müller, Amauri, Raí e Canhoteiro.

**HÉLIO ANSALDO**, 69 anos, radialista e deputado estadual: Poy, Bauer, Mauro, Darío Pereyra e Noronha; Rui, Gérson e Sastre; Luisinho, Leônidas e Teixeira.

**HENRI AIDAR**, 72 anos, ex-presidente do clube: Jurandir, Cafu, Mauro, Darío Pereyra e Orozimbo; Bauer, Pedro Rocha e Gérson; Luisinho, Leônidas e Canhoteiro.

**HIDERALDO LUIZ BELLINI**, 63 anos, ex-jogador: Poy, De Sordi, Mauro, Roberto Dias e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Gérson; Luisinho, Leônidas e Canhoteiro.

**JORGE RODRIGUES MEL-**

**LO**, 70 anos, jornalista: Zetti, Cafu, Mauro e Ronaldo; Bauer e Noronha; Müller, Leônidas, Raí, Palhinha e Canhoteiro.

**JOSÉ PAULO DE ANDRADE**, 51 anos, jornalista: Zetti, De Sordi, Mauro, Roberto Dias e Noronha; Bauer, Zizinho e Cafu; Müller, Serginho e Canhoteiro.

**JOSÉ ROBERTO MAIA**, 48 anos, desenhista da dupla Gepp e Maia: Sérgio, Cafu, Oscar, Darío Pereyra e Leonardo; Chicaço, Pedro Rocha e Pita; Müller, Careca e Canhoteiro.

**JOSÉ SEBASTIÃO WITTER**, 61 anos, historiador e diretor do Museu Paulista (Ipiranga): Poy, De Sordi, Mauro e Bauer; Rui e Noronha; Ponce de Leon, Luisinho e Leônidas; Remo e Leonardo.

**JUCA CHAVES**, 55 anos, cantor e compositor: Zetti, Cafu, Mauro, Bauer e Noronha; Forlan e Pedro Rocha; Zizinho, Luisinho, Leônidas e Canhoteiro.

**JUVENAL JUVÊNCIO**, 59 anos, ex-presidente do clube: King, De Sordi, Mauro e Bauer; Rui e Noronha; Luisinho, Müller, Leônidas, Sastre e Canhoteiro.

**LAUDO NATEL**, 74 anos, ex-presidente do clube: Poy, De

Sordi, Bellini, Roberto Dias e Alfredo Ramos; Rui, Bauer e Gérson; Luisinho, Leônidas e Zé Sérgio.

**LIMA DUARTE**, 63 anos, ator: Poy, Cafu, Mauro, Renganeschi e Noronha; Rui, Raí e Zizinho; Luisinho, Leônidas e Canhoteiro.

**LUIZ PEDRO DOMICIANO**, 54 anos, dentista: Poy, De Sordi, Mauro, Rui e Leonardo; Bauer, Pedro Rocha e Benê; Terto, Toninho Guerreiro e Canhoteiro.

**MARCELO MARTINES**, 60 anos, diretor de marketing do clube: Valdir Peres, Cafu e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Pedro Rocha e Canhoteiro.

**MAURO FERNANDES CASTRO**, 40 anos, conselheiro do clube: Poy, Forlan, Oscar, Darío Pereyra e Leonardo; Roberto Dias, Cafu e Gérson; Müller, Careca e Canhoteiro.

**MAURO NÓBREGA**, 50 anos, comentarista de rádio: Poy, Cafu, Mauro, Roberto Dias e Nelsinho; Bauer, Gérson e Pedro Rocha; Müller, Toninho Guerreiro e Canhoteiro.

**MURILO ANTUNES ALVES**, 75 anos, radialista e conselheiro do clube: Zetti, Cafu, Oscar, Virgílio e Orozimbo; Ba-

uer, Raí e Waldemar de Brito; Luisinho, Leônidas e Müller.

**PAULO DE AQUINO**, 68 anos, jornalista aposentado: Poy, De Sordi, Mauro, Roberto Dias e Leonardo; Rui, Sastre, Bauer e Gérson; Leônidas e Canhoteiro.

**PAULO ELYSIO DE ANDRADE**, 51 anos, dirigente do clube: Poy, De Sordi, Mauro, Darío Pereyra e Leonardo; Roberto Dias, Cafu, Bauer e Gérson; Careca e Müller.

**PAULO PLANET BUARQUE**, 66 anos, ex-jornalista: Jurandir, Cafu, Mauro e Noronha; Zezé e Rui; Luisinho, Sastre, Leônidas, Waldemar de Brito e Canhoteiro.

**PÉRICLES CAVALCANTI**, 45 anos, músico: Zetti, Cafu, Mauro, Roberto Dias e Leonardo; Benê, Raí e Pita; Careca, Müller e Canhoteiro.

**SÉRGIO BAKLANOS**, 58 anos, jornalista: Zetti, Cafu, Mauro, Darío Pereyra e Noronha; Roberto Dias, Raí e Sastre; Luisinho, Leônidas e Canhoteiro.

**SÉRGIO CARVALHO**, 51 anos, jornalista: Poy, De Sordi, Mauro, Roberto Dias e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Sastre; Müller, Leônidas e Canhoteiro.

## O ESQUECIDO

### ESTILO INCOMPARÁVEL

Luís Mesquita de Oliveira (29/3/1911 – 27/12/1993) foi considerado o melhor pontadireita brasileiro da década de 30 e um dos maiores craques que já defenderam o São Paulo. Mas nem por isso conseguiu vencer a disputa com Müller por uma vaga no melhor tricolor de todos os tempos. Perdeu por um voto (15 x 14). Isto apesar de sua história futebolística se iniciar com a do próprio clube, em 1930. Nessa época, ainda

na fase do antigo São Paulo da Floresta, Luisinho ajudou o tricolor a se firmar como um grande, conquistando o Campeonato Paulista de 1931 e levando a equipe ao segundo lugar em 1930, 1932, 1933 e 1934. De quebra, ainda ganhou outros três campeonatos estaduais (1943, 1945/46), já na fase em que o tricolor passou a se chamar São Paulo Futebol Clube. Luisinho era um atacante infernal. Driblava tanto para a direita como para a esquerda, cruzava com precisão e seu chute era

forte e certo. "Ele tinha o hábito de ficar treinando cabeçadas fingindo que a porta aberta do vestiário era o gol" recorda o ex-goleiro Poy, companheiro de clube. Malandro, antes do início das partidas, chamava a atenção dos zagueiros adversários para o perigo que Leônidas representava. Com as preocupações voltadas para o Diamante Negro, Luisinho fazia a festa sem ser importunado. Com seu estilo incomparável, marcou época no São Paulo. Uma época que muitos parecem ter esquecido.



Luisinho: na sombra de Leônidas





# SÃO PAULO o melhor de



Em pé: Cafu, Poy, Mauro, Roberto Dias, Noronha e Bauer; agachados: Müller, Pedro Rocha, Leônidas, Gérson e Canhoteiro



e todos os tempos

**PLACAR**



ILUSTRAÇÃO: MARCO SÃO PEDRO



**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO**  
**JOÃO FARAH**  
**2024**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**